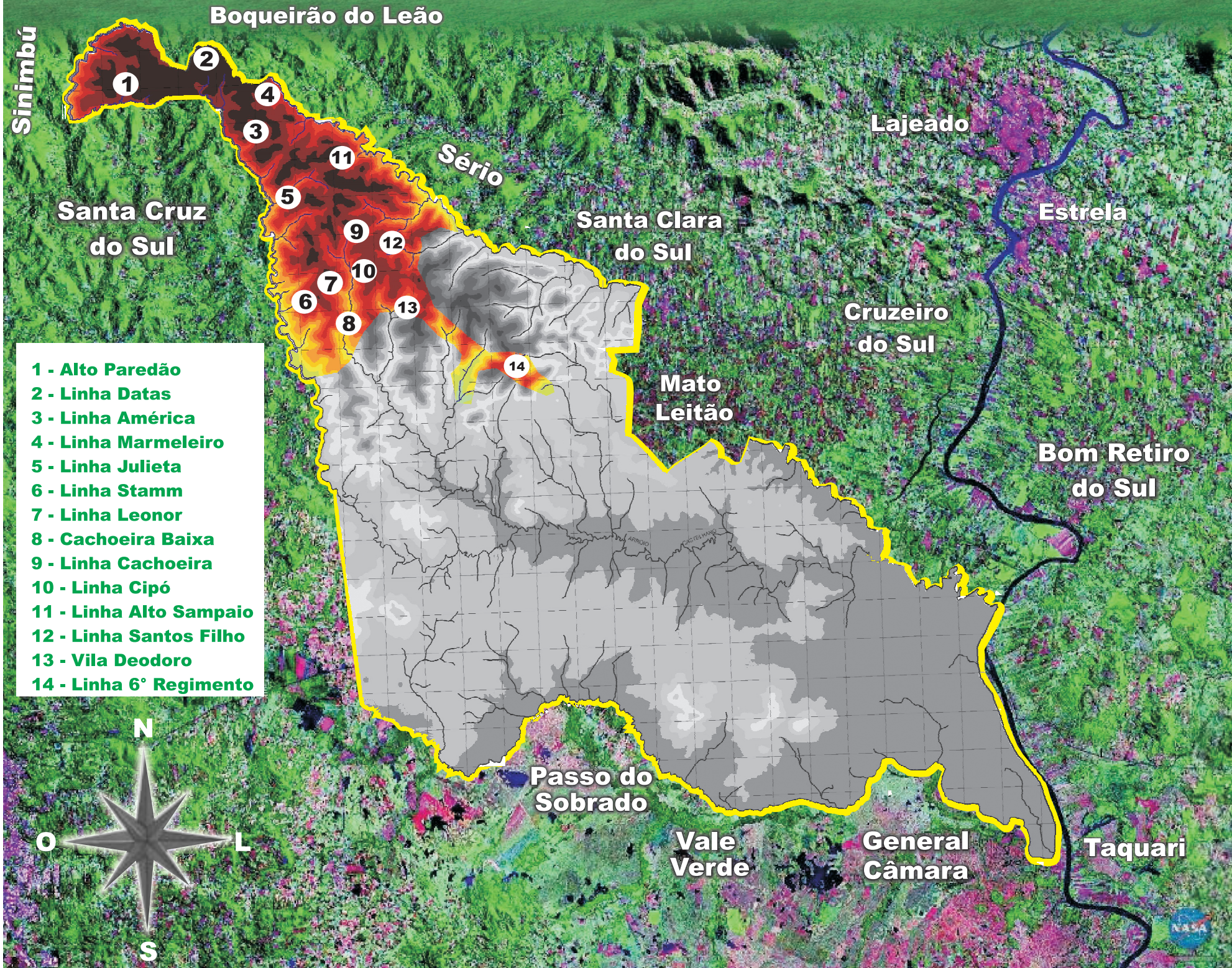


TERCEIRO DISTRITO

Deodoro da Fonseca, o proclamador da República



QUALIDADE
E CONFIANÇA.

Quando você ver alguma das marcas ao lado no seu mercado favorito, pode ter certeza que irá encontrar a qualidade e a confiança do grupo CTA-Continental dentro de cada embalagem.



O Terceiro Distrito presta homenagem à República

O terceiro distrito de Venâncio Aires foi criado em 14 de fevereiro de 1925, pelo ato 117 assinado pelo intendente municipal Thomaz José Pereira Júnior. A criação do distrito deu-se dois anos após a chegada dos primeiros imigrantes alemães, vindos da Boêmia, que ocuparam 12 lotes na região.

A partir de então o município passou a contar com três distritos. O núcleo urbano ainda era chamado "Vila de Venâncio Ayres" e sede do primeiro distrito e Mariante era a sede do segundo distrito.

Entre os moradores mais antigos, a região ainda é conhecida como "Estrada da Serra" ou "Linha da Serra", em função da RS-422, que corta o distrito de Leste a Oeste e foi responsável pelo desenvolvimento econômico e social por mais de meio século. Até a década de 1950, a estrada da serra foi usada por tropeiros trazendo gado de Soledade, Barros Cassal e Boqueirão do Leão em direção aos frigoríficos de Linha Terezinha, Cruzeiro do Sul e Bom Retiro.

A RS-422 começou a ser aberta por volta de 1910, para facilitar o movimento de carroças puxadas por bois e mulas que desciam a serra carregadas com erva-mate, fumo e madeira, especialmente toras de pinho. Os carreteiros e carroceiros retornavam com mantimentos, como sal, querosene e tecidos. O traçado original da estrada é o mesmo até hoje. Ela parte de Venâncio Aires em direção Oeste, atravessa a várzea do arroio Grande e inicia a subida a serra, passando por Linha Brasil, Maria Madalena, Vila Deodoro, Linha Cipó, Linha Cachoeira, Marmeleiro e Linha Datas, perfazendo a distância de 55 quilômetros até a divisa com Linha Sete Léguas, já no município de Boqueirão do Leão. A estrada corta ao meio quase todo o terceiro distrito, serpenteando por entre os morros e encostas. Ela também é a principal via de acesso às demais localidades do distrito.

A partir da década de 1950, o movimento



Estrada da serra continua sendo a principal via de acesso às localidades do Terceiro Distrito

de carroças e cavalos foi gradativamente sendo substituído por veículos motorizados. A região progrediu rapidamente. Surgiram fábricas de erva, hotéis, pousadas, grandes casas de comércio, salões de baile, empresas de transporte...

Mas a construção da BR-386 no final da década de 1960 decretou o início da decadência. O movimento de caminhões, ônibus e automóveis, que vinham da região do Planalto e das Missões e que passava pela 422, foi desviado para a parte alta do Vale do Taquari. Desde então as lideranças locais lutam pelo asfaltamento da RS-422, na esperança de trazer de volta o progresso perdido.

A manutenção das condições de trafegabilidade da RS-422 é de responsabilidade do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem do Rio Grande do Sul - DAER. No ano 2000, o governo do Estado iniciou o asfaltamento da Estrada da Serra a partir da cidade. Foram asfaltados cinco quilômetros e a obra foi suspensa e abandonada. Por falta de manutenção, o trecho asfaltado está se deteriorando e oferece piores condições do que a parte antiga de terra.

Na região do terceiro distrito, a RS-422 tem 30 quilômetros de extensão, de Deodoro até Linha Datas. Ela oferece boas condições para o trânsito, considerando o fato de ser uma estrada de chão batido. Mas basta alguns dias de chuva para ficar cheia de buracos.

EDUCAÇÃO

A educação sempre foi uma preocupação dos imigrantes. No terceiro distrito, as primeiras escolas funcionavam em casas particulares, com professor pago pelos pais dos alunos. Até a década de 1980 o número de alunos e de escolas cresceu, mas a partir daí notou-se a constante redução da clientela escolar, consequência do êxodo rural e da decadência do movimento da Estrada da Serra. O município e o estado, responsáveis pela educação pública, iniciaram um processo de nucleação ou centralização das crianças em escolas-pólo, fechando aquelas cujo número de alunos não compensava os custos de manutenção. Passaram-se duas décadas e a maior parte dos prédios continua fechada e abandonada.

Atualmente, a educação no terceiro distrito é oferecida por 11 escolas municipais e duas estaduais (confira no quadro). Via de regra, a escola é o esteio principal, em torno do qual as comunidades se desenvolvem. Os professores e professoras são os baluartes do ensino, ao levarem seu conhecimento até locais de muito difícil acesso.

RELEVO

As localidades do terceiro distrito desenvolveram-se na região mais alta da Serra Geral dentro do território de Venâncio Aires. Estima-se a presença de montes e cerros com mais de 700 metros acima do nível do mar. Esta característica obrigou seus habitantes a adaptarem-se ao trabalho braçal. O boi, o arado e a carroça permanecem inseparáveis das famílias rurais, como era há 100 anos. O crescimento populacional até a década de 1970 provocou a divisão das terras em pequenos lotes de 10 a 15 hectares para os herdeiros, fator que também contribuiu para o êxodo, assim como a chegada da televisão, que mostrou as maravilhas da



Regiões selvagens e quase inacessíveis escondem grande beleza



Maioria das propriedades encontra-se em locais de difícil acesso

cidade, atraindo o interesse dos jovens.

Se, por um lado, o relevo dificulta a agricultura em maior escala, por outro lado oferece grande potencial de desenvolvimento de culturas alternativas, como a uva, frutíferas, hortigranjeiros e cana-de-açúcar.

Ainda é possível encontrar áreas de mata nativa em muitas localidades do terceiro distrito. A densa vegetação selvagem protege o topo dos morros e os peraus mais íngremes, onde a prática da agricultura é impossível. O pinheiro, que outrora foi fonte de renda e desenvolvimento, agora é preservado por leis ambientais que impedem o corte.

ECONOMIA

A base econômica do terceiro distrito é a agricultura. O fumo é o principal produto agrícola em todas as localidades. A erva-mate ainda aparece em pequena quantidade, mais já foi a mola mestra do progresso na região. O tipo de solo favorece as culturas do milho, aipim, feijão e batata doce, além de hortaliças e flores, com destaque para as hortências. Nos últimos anos, o florestamento com eucalipto ganha força.

A Estrada da Serra continua sendo o veio principal por onde transita o progresso, mas seu movimento é bem inferior ao registrado nos anos de 1960. A falta de expectativa por dias melhores está forçando os jovens a abandonarem a colônia em busca de dias melhores na cidade. O êxodo é crescente e alguns lugares correm o risco de ficarem desabitados.

VIDA SOCIAL

Linha Cachoeira é o marco divisório da colonização da região do terceiro distrito. As localidades ao Leste conservam até hoje características da imigração germânica. As do lado



Escola Sebastião Jubal Junqueira é a única com Ensino Médio completo



Fase de preparação das mudas de fumo, o principal produto agrícola do Terceiro Distrito

Oeste são predominantemente portuguesas ou italianas. Nos dias atuais a convivência entre as comunidades é harmônica e os conflitos são raros. Porém a história registra descentendimentos que foram razão de separações e divisões. O idioma alemão foi proibido nas colônias durante as duas grandes guerras mundiais; livros foram queimados; o nome e a identidade de sociedades, clubes e de localidades inteiras foram alterados. A Revolução Federalista e a passagem dos tropeiros tiveram papel decisivo na escolha dos nomes das localidades.

A partir da década de 1980, o investimento do poder público municipal na construção de ginásios de esporte e pavilhões comunitários contribuiu para oferecer condições mais favoráveis para o lazer e diversão. Unidas, as comunidades promovem festas na forma de rodízio (cada ano uma comunidade diferente organiza a festa) de modo a preservar as tradições e angariar recursos.

Todavia, a partir da chegada da energia elétrica em larga escala, na década de 1970, os moradores lentamente foram alterando seus costumes. A televisão e a geladeira trouxeram entretenimento e conforto, porém acabaram com tradições preservadas há quase um século.

TURISMO

O relevo acidentado fez surgir locais de rara beleza e com grande potencial turístico a ser explorado. Belíssimas cascatas e mirantes com horizonte a perder de vista; casas antigas, festas tradicionais com gastronomia típica... Infelizmente, todo este potencial está sendo pouco aproveitado. O turismo rural apresenta-se como uma boa alternativa de desenvolvimento da população do terceiro distrito, como veremos ao longo das páginas deste suplemento.

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

As informações desta página foram coletadas através de pesquisa de campo realizada nas localidades que formam o distrito de Vila Deodoro, no período de maio a outubro de 2007. Os nomes das escolas, das pessoas e das páginas da internet, envolvidas na pesquisa da história do Terceiro Distrito, aparecerão junto às reportagens das respectivas localidades. Neste suplemento foram utilizadas informações fornecidas pela Secretaria Municipal de Educação de Venâncio Aires, em pesquisa realizada em 1999. Livros consultados: *Abrindo o Baú de Memórias, o museu*

de Venâncio Aires conta a história do município, organizado por Olgário Paulo Vogt em 2004; Livro do Cinquentenário da Paróquia São João Batista (1941-1991) de Boqueirão do Leão, organizado pelo padre Alfredo Lenz em 1991; Livro do Centenário de Venâncio Aires, organizado pelo Centro Municipal de Cultura - Cemuc em 1991; *Colônia de Santa Emília*, de Cláudio Carlos Fröhlich; *100 anos de Germanidade no Rio Grande do Sul (1824-1924)*, organizado originalmente em alemão pelo Herbrand Deutche Vereine e traduzido para o português por Arthur Blásio Rambo.

ESCOLAS DO 3º DISTRITO

Escolas municipais

Abraão Kniphoff, de Linha Datas,
Alcebíades Moreira, de Linha Alto Paredão
Alcides Vieira da Rosa, de Linha Alto Paredão
Anita Garibaldi, de Linha Cachoeira Baixa
João Cândido de Moura, de Linha Marmeleiro
João XXIII, de Linha Cipó
Oswaldo Cruz, de Linha Cachoeira
Presidente Vargas, de Linha Stamm
Professor Adolfo, de Linha Sexto Regimento
1º de Maio, de Linha Santos Filho
25 de Julho, de Alto Sampaio

Escolas estaduais

Sebastião Jubal Junqueira, de Deodoro
Helmuth Lehmen, de Linha Cachoeira

DADOS GERAIS DO 3º DISTRITO

Sede: Vila Deodoro
Área territorial: 145km quadrados
Distância da cidade: 25 km
Principal via de acesso: RS-422
Limites distritais:
Santa Emília, Centro Linha Brasil e Vale do Sampaio
Limites municipais:
Sério, Santa Clara do Sul, Santa Cruz do Sul, Sinimbu e Boqueirão do Leão
Clima: Sub tropical, característico serrano
Temperaturas médias:
2°C no inverno e 30°C no verão
Relevo:
Cadeia de cerros e montes da Serra Geral do Rio Grande do Sul
População:
Urbana: 178
Rural: 2.528
Total: 2.706 habitantes
(Conforme dados do Censo de 2007)

O Sexto Regimento, de Dom Pedrito

A herança militar deixada na história de Venâncio Aires corre o risco de perder-se em Linha Sexto Regimento. Distante 26 quilômetros do centro da cidade, o nome da localidade lembra o ambiente militar, porém na pesquisa feita entre os moradores mais antigos, ninguém sabe com certeza qual a origem do nome. Uma das possibilidades é a referência ao Sexto Regimento de Cavalaria de Dom Pedrito, primeira fortificação governamental tomada pelos maragatos e ponto de partida para a Revolução Federalista (1893-1895). A história desta revolução registra a passagem das forças maragatas pela região da serra de Venâncio Aires.

A outra possibilidade é de ter existido no lugar um quartel na época da Guerra do Paraguai, antes da chegada dos primeiros colonizadores alemães. Entretanto, a primeira hipótese é a mais provável, uma vez que boa parte da origem das localidades do terceiro distrito está na Revolução Federalista. Mais detalhes serão apresentados no caderno do distrito de Centro Linha Brasil, que contará a origem de Linha Saraiva.

As pessoas de mais idade lembram até hoje do medo e da angústia que passaram durante a 2ª Guerra Mundial (1935-1945). A exemplo do acontecido com seus pais e avós no período da Revolução Federalista (1893-1895) e da 1ª Guerra Mundial (1914-1918), quando tiveram que entregar gado e outros alimentos para as tropas que ali passavam. Alvino Wenzel (84 anos) serviu no quartel do Tiro de Guerra de Linha Terezinha em 1942 e foi um dos soldados que ficaram em prontidão para serem convocados para lutarem na Europa.

Os pioneiros da imigração alemã em Sexto Regimento foram Fredolino Lehmen, Franz Wenzel, Antônio Leoblein, Emel Föeb, Joseph Feiten, José Hermes, Felipe Peiter, Karl Dockhorm, Jacó Alles, Paulo Ertel, Roberto Ertel, Francisco Herdina e respectivas famílias, que chegaram por volta de 1880, oriundos da Colônia Santa Emília.

EDUCAÇÃO

A primeira escola tinha o nome da localidade. Em 1904 atendia cerca de 50 alunos de 1ª a 4ª série. Ela servia também de capela para reuniões e orações. O primeiro professor foi José Becker. Por volta de 1925 foi construída a Escola Pedro Álvares Cabral, em torno da qual se desenvolveu a Comunidade Católica Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Como o número de crianças aumentava mais e mais, houve a necessidade de ampliar a escola, que passou a funcionar com dois professores: Adolfo Wenzel e Helga Vogel. Alvino Wenzel possui fotografias de grandes festas realizadas na localidade em 1935 marcando a passagem do aniversário da Proclamação da República. Ele guarda até hoje o mapa oficial do município de Venâncio Aires, desenhado em 1930, com a identificação das colônias de terras vendidas aos imigrantes, que por esta razão, até hoje são chamados de "colonos".

Como a localidade é bastante extensa e se tornava muito longe o trajeto para algumas crianças frequentarem a escola, em 1965 alguns pais se juntaram para criar uma nova escola. Esta funcionou numa casa particular por dois anos. O terreno foi doado por Alvino Wenzel e Reinhold Renz e recebeu o nome de Professor Adolfo Wenzel, irmão de Alvino Wenzel e muito atuante na época. Ele coordenava uma numerosa classe de alunos.

A partir da década de 1980 teve início o êxodo rural e a população da localidade diminuiu a cada ano. Atualmente, as atividades da Escola Municipal Professor Adolfo são coordenadas pela professora unidocente Solange Nair Albrecht Back (41 anos) que leva educação e conhecimento aos seus alunos desde 1988. A Escola Pedro Álvares Cabral foi desativada em 2002 devido ao baixo número de alunos.

CULTURA E RELIGIÃO

A cultura dos antepassados é conservada até hoje pelos moradores de Linha Sexto Regimento. A primeira sociedade foi criada em 1928.

Seus associados praticavam três tipos de esporte: o tiro ao alvo, o bolãozinho de mesa e o rutschbahn.

O primeiro consistia em acertar um tiro de espingarda em um alvo pintado entre 50 e 100 metros de distância, mas este não existe mais.

O segundo ainda é praticado e consiste em empurrar uma bolinha de madeira, com a ajuda de um taco, sobre a superfície de uma mesa retangular ou reta. O alvo é formado por nove pinos, que precisam ser derrubados.

O rutschbahn não tem tradução em português. Consistia em arremessar uma lança na direção de um alvo em forma de anel. Mas ao invés de cavalo, o lanceiro descia um morro a bordo de uma cadeira presa por roldanas a um cabo de aço.

A diversão era muito apreciada e também servia para aliviar as tensões dos primeiros anos da colonização, quando todo o serviço era feito com facão, enxada e machado. Derrubavam mato e abriam roças para o plantio de alimentos. Os meios de transporte eram o cavalo e os próprios pés. Os caminhos eram apenas picadas na mata. As primeiras estradas foram abertas pelos próprios moradores com picaretas, pás e enxadas.

Atualmente dois salões comunitários funcionam em Linha Sexto Regimento. O primeiro, junto à comunidade Pedro Álvares Cabral, abriga a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a Sociedade Esportiva de Cavalheiros 6º Regimento, criada no dia 08 de maio de 1955 e a Sociedade de Damas Boa Vontade, fundada em 10 de agosto de 1985. Neste pavilhão também são realizadas missas. Em agosto deste ano de 2007 o pavilhão passou por reformas e ganhou nova pintura. Os moradores evangélicos praticam sua religião na capela de Vila Deodoro, distante dois quilômetros.

Junto à Escola Professor Adolfo está o pavilhão comunitário de mesmo nome. Ele foi construído em madeira e inaugurado no dia 19 de agosto de 1984. É sede da Associação União Progressista e da Associação de Damas Unidas Venceremos, ambas fundadas no dia 20 de janeiro de 1985. Em 21 de novembro de 1999 foi inaugurado o atual pavilhão, construído em alvenaria no local do antigo prédio de madeira. O Grupo do Lar Trabalho e Progresso, fundado em 19 de agosto de 1984, mantém suas atividades neste pavilhão, bem como o grupo de jovens Juorpe. Ali, os moradores organizam festas, bailes, competição de bolãozinho de mesa, jogos de carta, sinuca e confraternizações em geral. Em 2006 houve a mudança nos estatutos das entidades sociais de Venâncio Aires e todas as "sociedades" passaram a chamar-se "associações".

SPITS KOPP

Em busca de ladrilhos perdidos da história de Linha Sexto Regimento, a professora Solange organizou no mês de setembro uma expedição até o topo do Spits Kopp (cabeça pontuda) como é conhecido o morro mais alto da localidade e um dos mais altos da Serra Geral dentro do território venâncio-aiense. O morro pode ser avistado de vários pontos do município e facilmente identificado, pois tem a forma de uma pirâmide.

O objetivo da expedição era encontrar algum vestígio do falado quartel do Sexto Regimento, que diziam os antigos existir no topo do morro. O lugar é de difícil acesso. Nilson Vogel (38 anos) pai de um aluno, foi na frente abrindo uma picada. O esforço de todos foi recompensado com belas paisagens, mas nenhum vestígio foi encontrado no alto do morro, reforçando a idéia de que o nome do lugar é uma alusão ao quartel de Dom Pedrito, famoso na época da Revolução Federalista.

REALIDADE

A rotina dos moradores da localidade é semelhante a da maioria dos colonos de origem germânica. Durante a semana, levantam-se ao clarear do dia, tomam chimarrão, tiram leite das vacas, preparam o café e seguem para a lavoura. Dependendo do número de integran-



Professora Solange com os alunos. Ao fundo a escola e o pavilhão comunitário Prof. Adolfo



Pavilhão da comunidade Nª Sª do Perpétuo Socorro foi reformado neste ano



Foto histórica da celebração cívica em homenagem à República, no dia 15 de novembro de 1935



Professora Solange e Alvino Wenzel com o mapa de Venâncio Aires de 1930

tes, uma pessoa da família fica em casa, cuidando dos afazeres domésticos e preparando o almoço. Os filhos em idade escolar seguem para a escola. Depois do almoço, um breve descanso para a sesta ou mais um chimarrão e todos seguem para a lavoura. À tardinha, a rotina prevê trato para os animais, tirar leite novamente, abastecer a cozinha com lenha para o fogão, fazer pasto, tomar banho, jantar, olhar TV e dormir, porque no dia seguinte há muito trabalho pela frente.

Aos sábados e domingos a rotina é quase a mesma, mas ao invés de ir para a roça, os moradores da localidade aproveitam para passear, ir em bailes no sábado à noite, ou nas festas comunitárias aos domingos. A maioria das famílias possui condução própria (carro ou moto). Energia elétrica e água encanada através de rede hídrica também fazem parte da realidade, mas a comunicação telefônica, através de central de atendimento, ainda é precária.

O êxodo é causado pela falta de perspectivas para as famílias rurais, a desvalorização dos

produtos agrícolas e a árdua rotina de quem precisa tirar o sustento em terras acidentadas, onde quase todo o trabalho é braçal, ou com o uso de tração animal.

Quem não tem meio de transporte motorizado, precisa deslocar-se a pé até Vila Deodoro para embarcar no ônibus. O poder público municipal auxilia na construção e reforma dos pavilhões comunitários e na manutenção das estradas.

O principal produto agrícola de Sexto Regimento é o fumo. Milho, aipim, feijão, batata inglesa, batata doce, hortaliças e frutas também integram as principais culturas, cultivadas em pequenas propriedades.

Além da agricultura e do magistério, existem na localidade outras atividades profissionais, como inseminador artificial, alfaiate, marceneiro e pedreiro.

A localidade conta atualmente com 65 famílias, sendo que as principais são de sobrenome Wenzel, Renz, Vogel, Ertel, Peiter, Becker e Richter.



Expedição sobiu ao cume do Spits Kopp

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

José Armindo Vogel (85 anos), Alvino Wenzel (84), Oscar Vogel (80), Edgar Ertel (84), Nilson Vogel (38) todos moradores da localidade, mais Adriano Fagundes comerciante de Venâncio Aires; a professora So-

lange Back (41) e alunos da Escola Professor Adolfo. Livros utilizados nesta reportagem: *Abrindo o Baú de Memórias... e 100 Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul...*

A linha dura do Cel. Joaquim T. dos Santos Filho

Na década de 1880, Reichenberg era uma região européia da Boêmia, na época pertencente à Áustria e onde atualmente fica a República Tcheca. De lá partiram os imigrantes germânicos que instalaram-se na base de imponentes morros, na colônia de Santa Emília, proximidades da Linha Alto da Légua, em 1882. Acharam por bem denominar o lugar de Novo Reichenberg, em homenagem à terra natal. Em 1893 a localidade foi palco das batalhas entre maragatos e soldados do governo, durante a Revolução Federalista (1893 a 1895). Houve muita luta e derramamento de sangue em ambas as partes. Maiores detalhes sobre esta Revolução serão apresentados na história de Linha Saraiva.

Em minuciosa pesquisa, o professor da Escola 1º de Maio, Jones Fernando Richter (25 anos) descobriu que o nome atual da localidade é referência ao coronel Joaquim Tomás dos Santos Filho, militar de linha dura, que combateu os maragatos nos vales do Rio Pardo e Taquari.

COLONIZAÇÃO

A companhia de loteamento Schiött Py foi a responsável pela venda de 26 lotes da então Colônia de Santa Emília, em 1882. A campanha nacionalista promovida pelo governo brasileiro após a I Grande Guerra Mundial (1914-1918) foi a provável razão da mudança do nome da localidade, que possui aproximadamente 6,8 quilômetros quadrados e limita-se com as localidades de Linha Andréas, Linha Cipó, Linha Silva Tavares, Vila Deodoro e Linha Sexto Regimento.

Linha Santos Filho é cortada pelo arroio Santos Filho, um dos afluentes do arroio Sampaio. A RS-422 é o principal acesso a partir da cidade de Venâncio Aires. Também há um segundo acesso ligando a localidade ao Vale do Sampaio, através de Linha Andréas. A distância da cidade é de aproximadamente 30 km.

Conforme a planta da divisão dos lotes da Colônia de Santa Emília, os colonizadores pioneiros de Linha Santos Filho foram Johann Fröhlich, Vinzenz Hübner, Franz Bennesch, Franz Watte, Johann Lang, Gregor Lang, Adolf Ulbrich, Johann Röhler, Wilhelm Weiss, Josef Scheibler, Anna Siebeneichler, Franz Bienert e Gustav Feix.

Nota-se que nesta relação há o nome de uma mulher, fato considerado raro, já que na época as colônias eram registradas em nome de proprietários do sexo masculino. A maioria dos sobrenomes dos pioneiros não existe mais. Os descendentes mudaram-se para outras localidades. Também houve muitos nascimentos de descendentes do sexo feminino, que acabaram adotando o sobrenome do marido e abandonando o sobrenome original.

Na Europa, os pioneiros trabalhavam como lapidadores em fábricas de vidro e tiveram muita dificuldade de adaptação à nova realidade desbravadora que encontraram. A mata fechada, cheia de cipós e árvores gigantescas, representava um desafio para a sobrevivência. Pés caçados e mãos feridas derrubavam as matas e abriam as primeiras clareiras para plantar o próprio sustento, notadamente o feijão preto. A natureza generosa respondeu com colheitas fartas e a localidade prosperou rapidamente.

RELIGIÃO

O professor Jones promoveu uma investigação no cemitério da localidade, encontrando o túmulo de apenas um dos pioneiros. O túmulo estava parcialmente destruído e abandonado. Na maioria das localidades pesquisadas, são raros os casos onde os descendentes mostraram preocupação em preservar a memória dos pioneiros.

Na mesma investigação, Jones encontrou um sino de bronze, danificado e abandonado em um pequeno galpão de madeira, sem condições de ser restaurado. O sino data de 1895, foi fabricado em Porto Alegre e trazido pelo imigrante Adolf Ulbrich. A comunidade ergueu o sino logo após sua chegada da Europa e orientava-se por ele.

Até hoje os sinos representam um marco da

cultura e da religiosidade dos imigrantes. Por mais de um século, os sinos ditavam os horários da alvorada, do almoço e do recolhimento ao entardecer. Ulbrich valorizava muito este sino e pedia para que a comunidade nunca se desviasse dele.

Atualmente, a localidade conta com aproximadamente 30 famílias, dentre as quais destacam-se os sobrenomes Schuh, Posselt e Schuster. A tradição religiosa é preservada pela comunidade católica São Lucas, fundada em 1973. Não há igreja. As missas acontecem no pavilhão junto à escola local.

ESCOLA

Vencidas as dificuldades iniciais da colonização, os filhos dos imigrantes passaram a frequentar aulas em casas particulares. Um dos colonos com mais conhecimento fazia as vezes de professor e recebia pagamento dos pais dos alunos.

Em 1910 a localidade já possuía escola própria, atendida pelo professor Heinrich Luiz Stange, considerado o primeiro educador oficial de Novo Reichenberg. Na época as aulas eram ministradas na língua alemã. A educação no idioma português foi introduzida a partir da década de 1920. Em 1937 a escola contava com 23 alunos, sob orientação do professor José Lacerda.

A escola ganhou novo prédio em 1965, em madeira. Até 1969, a escola não possuía denominação oficial. No dia 10 de janeiro daquele ano, através do Decreto de Criação nº 334, o prédio escolar passou a denominar-se Escola 1º de Maio, em homenagem ao Dia do Trabalho, mas a localidade já sentia os reflexos do êxodo rural. Em 1973, havia 15 alunos. O prédio de madeira foi demolido em 1988. O atual prédio, em alvenaria, foi inaugurado no dia 15 de outubro do mesmo ano.

Atualmente, a Escola Municipal de Ensino Fundamental 1º de Maio é atendida pelo professor unidocente Jones Richter. Ele atende a 14 alunos, desde o 1º ano do Ensino Fundamental (de 9 anos) até a 4ª série (de 8 anos). Ele encara com muita seriedade a nobre missão de ensinar, tendo adquirido conhecimentos em braile para oferecer educação a uma de suas alunas que é cega.

Jones também é professor na Escola Sebastião Jubal Junqueira, de Vila Deodoro e um abnegado pesquisador. Além de resgatar a história de Linha Santos Filho, ele colaborou na pesquisa para o resgate da história de Linha Andréas, de onde é natural.

SOCIEDADES

Quando ainda chamava-se Novo Reichenberg, a localidade possuía vida social agitada. Não há dados precisos sobre datas e nomes. Estima-se que a primeira sociedade de damas e cavalheiros funcionou no salão de João Wink. O salão foi comprado por Ricardo Posselt e a sociedade foi extinta em 1938. No salão havia festividades, como o tradicional baile de kerb que durava dois dias.

Também funcionou na localidade uma Sociedade de Cachimbos, ou Pfeifeverein, como era chamada pelos germânicos. Reunia os homens apreciadores do tabaco fumado em cachimbo. Era a única do gênero em Venâncio Aires e existiu na década de 1920. A Pfeifeverein também realizava festas.

Referências sobre esta sociedade aparecem em livros dedicados à imigração alemã. Em 1924, o Raucherklub (Clube dos Fumantes) é citado pela escritora Hilda Agnes Hübner Flores no livro *Canção dos Imigrantes*, editado em 1983. Pesquisas posteriores concluíram que a Sociedade dos Cachimbos e o Clube dos Fumantes eram a mesma entidade.

Contam os antigos que a Sociedade dos Fumantes era frequentada por homens e mulheres, que participavam de festas. Mas somente os homens fumavam. Em determinado momento do baile, os cavalheiros guardavam o cachimbo e convidavam as damas para dançar.

Atualmente existem duas sociedades em Linha Santos Filho. A Sociedade de Damas Esportiva, Recreativa e Cultural Esperança foi fun-



Professor Jones Richter com os alunos da E.M. 1º de Maio



Pavilhão São Lucas, sede das duas sociedades de Linha Santos Filho



Professor José Lacerda com seus alunos em 1937



Paisagem atual de Linha Santos Filho, tendo ao fundo o Vale do Sampaio

dada em 20 de março de 1996. A Sociedade Esportiva e Cultural 1º de Maio foi fundada em 18 de setembro de 1999. As reuniões dos sócios são mensais, quando também acontece torneio de bolãozinho de mesa. Anualmente são promovidas festas de rei e rainha.

Todos os eventos são realizados no pavilhão comunitário São Lucas, inaugurado em 14 de fevereiro de 1999.

ECONOMIA

A maior dificuldade para o desenvolvimento de Linha Santos Filhos é o relevo muito acidentado. A economia da localidade já foi mais forte no passado. Os moradores antigos lembram de uma casa comercial tradicional que funcionou nas primeiras décadas do século XX, porém ninguém lembra mais nem do nome do proprietário. A última casa comercial fechou as portas na década de 1980 e pertencia a Leonilo Staffen. A cancha de bochas que existia na localidade também foi desativada.

Atualmente, a escola, o salão comunitário e o cemitério são os principais pontos de referência da localidade.

O relevo muito acidentado, que no passado trazia lembranças da terra natal dos imigrantes, hoje em dia é o principal dificultador do progresso. No lugar das trilhas e picadas, hoje existem estradas com boas condições de trânsito para carros pequenos, motos e carroças. Caminhões enfrentam dificuldade para entrar e sair da localidade para transportar a produção.

O fumo de forno constitui a principal fonte de renda dos agricultores. Milho, feijão e outras culturas de subsistência também fazem parte da paisagem das lavouras. Entretanto, culturas importantes do passado, como fumo de galpão, trigo, arroz e soja, não existem mais.

O êxodo rural atingiu fortemente a localidade. Todos os moradores são agricultores. Não existem outras profissões. O único professor mora em Linha Andréas. No passado, Linha Santos Filho era endereço de músicos, um agrimensur, um fotógrafo, comerciantes, uma parteira, ferreiro e marceneiro.

A rotina das famílias segue o padrão da maioria das localidades de imigrantes germâ-



Fumar cachimbo era hábito entre os moradores na década de 1920

nicos: durante a semana levantam ao clarear do dia, tomam chimarrão antes do café e seguem para a roça. Depois do almoço, uma pausa para a cesta ou para ouvir o programa do Marcelo Frey na rádio Venâncio Aires. À tarde também é dedicada à roça e à noite olham televisão antes de dormir.

No passado, há 40 ou 50 anos, as famílias tiravam quase todo o sustento da propriedade. Vendia-se fumo de galpão e banha de porco. As tardes de sábado eram reservadas para a faxina da casa e para garantir o pasto dos animais. Nos domingos as pessoas se visitavam e se reuniam nas sociedades.

Atualmente, o lazer dos moradores é olhar televisão, ouvir rádio, jogar carta, participar de bailes e festas, jogar bolãozinho na sociedade e ver jogos de futebol em localidades vizinhas.

O relevo acidentado, que preocupa os produtores rurais, por outro lado poderá oferecer um futuro promissor para investimentos no turismo rural, mas para isso é necessário um amplo trabalho integrado entre moradores do lugar, poder público e a iniciativa privada disposta a investir.

Mesmo com as dificuldades atuais, os moradores que permanecem na localidade aumentaram seu poder aquisitivo nos últimos anos. A maioria possui um veículo de transporte e boas condições de sobrevivência.

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

Jones Richter, Evaldo Richter, Olga Bartholdy Schuster e Rogério Schuster.

Livros pesquisados: *Santa Clara, o Combate Federalista*, de Theodor Firmbach, traduzido por Hilda Agnes Hübner Flores; *Canção dos Imigrantes*, de Hilda Agnes Hübner Flores; *Revolução Federalista no Vale do Taquari*, de José Alfredo Schierholt; *Deutsch-brasilianische Schule in Ober Sampaio*, parte integrante do documento relativo aos 50

anos de imigração no Vale do Sampaio, de Henrich Luiz Stange; *Memórias de um Imigrante Boêmio*, de Josef Umann, traduzido por Hilda Agnes Hübner Flores. Ainda serviu de base para a pesquisa o mapa com a Planta das Colônias de Santa Emília e cartas escritas por Hilda Agnes Hübner Flores em resposta a questões formuladas pelo professor Jones Richter.

A velha figueira cheia de cipó

Distante 30 quilômetros do centro da cidade de Venâncio Aires, Linha Cipó é cortada pela RS-422 e dividi-se em duas comunidades. A primeira localiza-se nas proximidades da igreja Santo Agostinho e a segunda é um pequeno povoado em torno da Escola João XXIII. As duas comunidades estão a 10 quilômetros de distância uma da outra.

A origem do nome da localidade remonta o tempo dos tropeiros, há mais de 100 anos. Na época, os tropeiros desciam com gado oriundo do alto da serra e acampavam na localidade, onde existia uma fonte de água. Também existia uma grande figueira com muitos cipós, onde os tropeiros descansavam e estendiam os apetrechos dos cavalos, como pelegos e arreios. Até hoje a localidade possui densas matas com emaranhados de cipós, mas da velha figueira na beira da estrada nada mais resta.

A primeira colonização de Linha Cipó foi feita por imigrantes portugueses no início do século 19. Os primeiros imigrantes germânicos chegaram em 1877, entre eles José e Paulina Assmann e Francisco Richter, que vieram da Alemanha, mais Josefina Richter, que veio da Áustria. Também estão entre os pioneiros as famílias Bergmann, Schmidt e Posselt, todos de origem germânica. Entre os lusos, aparecem os sobrenomes da Rosa, dos Santos e Queiros. Destes, ainda permanecem na localidade as famílias de Helmuth Richter, Ernesto Queiros, Arthur Wenzel, Francisco Richter, Adolfo Bender, Reinoldo Pilz, Alfredo Petry e Augusto Züge. Ao todo, Linha Cipó tem aproximadamente 50 casas.

A exemplo das demais localidades do Terceiro Distrito, Linha Cipó enfrentou, no início de sua colonização, a falta de estradas, meios de transporte, eletricidade e ferramentas adequadas para o trabalho.

RELEVO

As duas comunidades de Linha Cipó apresentam características distintas. A comunidade de Santo Agostinho localiza-se nas margens da RS-422, possui fácil acesso, porém seus moradores enfrentam problemas com o transporte da produção agrícola, devido aos morros existentes dos dois lados da estrada principal.

Na comunidade formada em torno da E.M. João XXIII, o acesso é muito difícil até mesmo para a professora, que mora na cidade e necessita deslocar-se todos os dias. Gabrielli Schirmann (20 anos) sai de casa às 07 horas da manhã para pegar o ônibus que segue até Linha Cachoeira, nas proximidades do antigo Hotel Lehmen. De lá ela desce o morro a pé. São dois quilômetros de caminhada. A aula inicia às 09 da manhã até às 13 horas. Em seguida ela pega carona com o veículo que transporta os alunos e sobe o morro até o Hotel Lehmen, onde pega o ônibus de retorno para a cidade, onde chega por volta das 17 horas. Gabrielli iniciou no magistério em março de 2007 e demonstra ser uma verdadeira baluarte do ensino, ao enfrentar tamanha dificuldade para levar educação e conhecimento para os seus seis alunos.

O relevo muito acidentado é o principal causador do êxodo rural. Em 1999 a escola contava com 20 alunos. A comunidade corre o risco de ficar desabitada. Há muitas casas abandonadas. Outras casas são ocupadas por famílias de agregados, que ficam um ano ou dois e depois se mudam.

Santa da Rosa (71 anos) e seu irmão João Alcides da Rosa (62 anos) formam uma das poucas e das mais antigas famílias próximas da escola João XXIII. Ambos são solteiros e moram há 35 anos na localidade, em uma humilde casa de madeira. Os irmãos começaram a vida como agregados em Linha Arroio do Tigre. Trabalharam em várias propriedades até chegar em Linha Cipó. Tiram o sustento da roça e da aposentadoria do INSS. O acesso até a casa é feito por uma trilha morro abaixo, onde só é possível chegar e sair a pé. Uma vez por mês, a agricultora precisa deslocar-se até a cidade para receber o dinheiro da aposentadoria e comprar remédios e alimentos que não produzem na

roça.

PETI

Em Linha Cipó encontra-se um bom exemplo do aproveitamento de escolas municipais que foram fechadas. Junto à comunidade Santo Agostinho funciona o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – Peti, que ocupa o prédio da antiga escola Maria Quitéria. Os antigos alunos foram transferidos para Vila Deodoro ou para a Escola Municipal Osvaldo Cruz, que fica em Linha Cachoeira, próximo da divisa com Linha Cipó.

O programa é mantido pelo município, com verbas do governo federal e tem por objetivo atender crianças entre 6 e 14 anos em turno oposto ao da escola, para que os pais e irmãos maiores possam trabalhar na lavoura. Atualmente o programa atende 31 crianças de 21 famílias carentes das proximidades.

No Peti as crianças participam de oficinas de criatividade, recreação, apoio pedagógico, arte culinária, horta comunitária, jardinagem, preservação ambiental e leitura, através de livros infantis fornecidos pela biblioteca do Sesi. As crianças também recebem atendimento na área de saúde preventiva, aplicação de flúor dentário, atendimento odontológico no posto de saúde de Vila Deodoro e ainda participam de peças de teatro com as agentes municipais de saúde.

Para evitar o trabalho infantil e permitir que as crianças fiquem o maior tempo possível em ambiente educativo, o governo federal oferece uma ajuda de custo através do programa Bolsa Família. O transporte dos alunos é gratuito. O programa também conta com o apoio de empresas privadas e entidades educativas de Venâncio Aires e de municípios vizinhos. A coordenadora, Flávia Tatiana Züge Johann, destaca que havia muitos registros de abuso nas relações entre pais e filhos, daí a escolha da localidade para a implantação do Peti. Ela reitera, entretanto, que os pais seguidamente são convidados a participar das atividades desenvolvidas na escola, pois um dos objetivos é levar os benefícios do programa para os demais integrantes da família.

EDUCAÇÃO

A primeira escola da localidade funcionou no antigo salão de baile de Henrique Bergmann. A casa foi usada como escola até 1953, quando foi adquirida pela família de Waldemar Richter.

Em 1962 foi construído o primeiro prédio próprio para a escola, que recebeu o nome de E.M. Maria Quitéria, em homenagem à heroína da independência do Brasil, dona Maria Quitéria de Jesus Medeiros. Este prédio foi destruído por um incêndio. Em 1987 a prefeitura municipal construiu um novo prédio, onde atualmente funciona o Peti.

Neste mesmo ano, a prefeitura construiu a Escola Municipal de Ensino Fundamental João XXIII, inaugurada no dia 28 de junho. Marciano Luiz Posselt (12 anos) e Lisandro André Simson (10 anos) são dois dos seis alunos da escola. Eles sobem e descem os morros diariamente para frequentar as aulas. Sabem que o seu futuro ainda é incerto, porém afirmam gostar muito do lugar. Apesar da pouca idade, os garotos conhecem bem as trilhas e as belezas escondidas na mata.

DIVERSÃO

O primeiro salão de baile era de propriedade de Henrique Bergmann, adquirido em 1953 por Waldemar Richter, que transformou o local numa bem montada casa comercial e uma cancha de bochas. Neste salão as pessoas se reuniam para jogar carta, dançar e conversar, surgindo assim a Sociedade de Cavalheiros Guarani. A família de Waldemar Richter marcou época na história da localidade. Sua esposa, Adelina Richter, faleceu em 1992 e Waldemar em 1993. Logo após, o velho casarão de madeira de pinho foi desativado.

O primeiro pavilhão da escola foi construí-



Esta casa está a 500 metros de distância da RS-422. Lavouras nas encostas dos morros



Professora Gabrielli com cinco dos seis alunos da Escola João XXIII

do em 1979 com recursos e mão-de-obra da comunidade escolar. O atual pavilhão comunitário, construído com auxílio da administração municipal, foi inaugurado em dezembro do ano 2000. Nele são realizados eventos sociais, como bailes e festas, além do tradicional jogo de bolãozinho de mesa.

Junto à escola João XXIII também existe um pequeno salão comunitário, inaugurado em outubro do ano 2000. Nele são realizados eventos sociais e religiosos. Na localidade funcionou por muitos anos a casa comercial e salão de baile de Osmar M. dos Santos, que foi sede das sociedades de damas e cavalheiros Girassol. Atualmente, as duas sociedades estão sediadas junto ao salão comunitário da Escola Osvaldo Cruz.

RELIGIÃO

A família de Waldemar Richter foi decisiva no desenvolvimento da religião católica, na educação e na vida social em Linha Cipó. A atual capela, o pavilhão comunitário e a escola do Peti foram construídos sobre o terreno doado pela família, porém com algumas condições: a igreja deveria ter a frente virada para o casarão e não para a estrada, como normalmente acontece. Além disso, quando partisse para a eternidade, o casal queria ser enterrado próximo da entrada do cemitério. A igreja foi construída em 1978 em louvor a Santo Agostinho. Antes, todas as celebrações aconteciam no casarão dos Richter.

As atividades religiosas da comunidade junto à Escola João XXIII acontecem no pavilhão escolar, onde a professora auxilia na organização das missas, sempre na terceira quinta-feira de cada mês.

ECONOMIA

A exemplo das demais localidades do Terceiro Distrito, Linha Cipó já viveu período de prosperidade durante as décadas de 1960 e



No inverno, cerração invade os vales



Bela cascata está escondida no meio da mata

1970. Atualmente, sofre com o êxodo rural e com o constante movimento de peões e agregados. As famílias não criam vínculo com a comunidade. O grau de escolaridade é baixo, pois as crianças acabam abandonando a escola na quarta série. A principal fonte de renda vem do plantio do fumo. Milho, feijão, mandioca e mamona também estão entre as atividades agrícolas desenvolvidas atualmente. O terreno montanhoso e a falta de condições das estradas motivam os moradores a buscar melhor sorte em outro lugar. A pecuária e o extrativismo vegetal (erva-mate e madeira) já foram importantes para a economia da localidade.

Com o fechamento das duas casas comerciais, os moradores passaram a realizar as compras na Vila Deodoro ou na cidade.

NATUREZA

Em Linha Cipó a natureza dificulta o desenvolvimento da agricultura. Por outro lado, oferece uma espetacular fonte de renda a partir do turismo rural. No arroio Cipó, um dos afluentes do arroio Sampaio, existe uma belíssima cascata, com queda d'água de aproximadamente 10 metros, que poderia ser incluída nos roteiros turísticos. O local é ótimo para prática de esportes radicais com bicicleta, moto e jipe.

Ao longo da RS-422 existem vários pontos de observação da beleza dos vales do Castelhano e do Sampaio. Para quem mora na cidade e quer fugir da estressante rotina urbana, a localidade oferece muitas opções. Todavia, falta investimento em infra-estrutura e, conseqüentemente, o grande potencial turístico é pouco aproveitado.

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

O repórter da Folha do Mate, Álvaro Pegoraro. A professora Gabrielli Schirmann e os alunos Marciano, Lisandro, Simone, Adriana, Gelsi e Suelen; o presidente da APM, Amândio da Silva e os moradores Valdir Cunha, Santa da Rosa e João da Rosa, todos da comunidade junto a E.M. João XXIII. Também participaram a coordenadora do Peti,

Flávia Johann; Elvinda Ottilia Rieger, Ana Paula Renz, Dairine Roberta Renz e Valério Richter, todos da comunidade Santo Agostinho.

Informações da pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Educação, em 1999, complementaram a matéria.

Uma Vila em homenagem ao Marechal Deodoro da Fonseca

A denominação oficial de "Vila Deodoro" deu-se a partir de 1940. Antes a localidade chamava-se Linha Luz Osório (até 1930), Linha João Pessoa (1931 a 1939). O nome deve-se a uma homenagem ao proclamaador da república primeiro presidente do Brasil, Marechal Deodoro da Fonseca. Entre os moradores mais antigos também aparece o nome Alto da Légua, numa referência ao tempo da colonização portuguesa, quando os moradores lusos e açoitados recebiam cartas de datas do governo imperial.



Equipe da capatazia municipal do Terceiro Distrito



Blco Os Palhaços animou carnavais memoráveis

INÍCIO

Estima-se que por volta de 1800 a região começou a ser colonizada por imigrantes açorianos, que receberam da Coroa portuguesa grandes áreas de terras, chamadas sesmarias e datas. A presença de descendentes de portugueses em Vila Deodoro foi marcante até as primeiras décadas do século 20. A Vila foi palco de batalhas durante a Revolução Federalista, que eclodiu no Rio Grande do Sul em 1893 e colocou frente a frente os revolucionários maragatos, contra os militares legalistas do governo, conhecidos como picapaus.

Em 05 de abril de 1894 os maragatos passaram por Vila Deodoro, via Maria Madalena, invadindo Venâncio Aires. Apoderadoro, via Maria Madalena, invadindo Venâncio Aires. Apoderaram-se de armas e animais, retirando-se rumo a Santa Emília. Chegaram os legalistas, comandados por Santos Filho. Os maragatos eram mais ou menos 500 homens, comandados por João Leonardo Junblut e Zeca Ferreira e venceram o confronto.

RELIGIÃO

A primeira igreja católica de Vila Dodoro foi construída em 1931 em louvor a São José. Até então os moradores praticavam sua fé na pequena capela de São Francisco do Alto da Légua, construída em 1918, em uma comunidade evangélica luterna também construiu sua capela. Respeitando uma tradição trazida da Alemanha, católicos e evangélicos cultuam sua fé individualmente, costume que é mantido até os dias atuais, mas sem a rigidez de outrora.

Tanto os igrejas quanto os armazéns da Vila foram construídos em local privilegiado pela natureza, com uma belíssima vista para o Vale do Sampaio. O local tornou-se ponto de parada para viajantes e turistas que sobem a serra pela 54-422. A conservação dos jardins e da parte interna da igreja São José chamam a atenção de quem passa e é motivo de orgulho entre os moradores. A conservação do local e de suas instalações é de responsabilidade da Prefeitura Municipal. Ela é a última das igrejas católicas que também atuam junto a Escola Jubeal Junqueira.

EDUCAÇÃO

A maior escola do terceiro distrito está localizada em Vila Deodoro. A educação é uma preocupação da comunidade, que mantém em funcionamento uma escola particular de 1918 até 1943. Naquele ano foi criado o Grupo Escolar Marechal Deodoro. Por dois períodos, nas décadas de 60 e 70, houve a tentativa de transformar a área em Escola Rural.

Em 1973 a escola passou a denominar-se Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Sebastião Jubeal Junqueira, em homenagem ao líder comunitário e escritor de 1929 a 1959 do primeiro cartório municipal que funcionou na localidade.

A escola passou a oferecer o primeiro grau completo em 1979 e 2º grau em 2001, passando a denominar-se Escola Estadual de Ensino Médio Sebastião Jubeal Junqueira. Atualmente ela é o centro educacional do terceiro distrito e de localidades vizinhas de outros distritos. Possui 25 professores e quatro funcionários, que prestam atendimento a aproximadamente 400 alunos.

Os alunos que moram mais distantes da escola recebem transporte gratuito, via linha de ônibus ou conduzido especialmente contratada pela Prefeitura Municipal. A coordenação geral do trabalho está a cargo da diretora Adriana Inês Schreiber. A escola mantém a Associação de Pais e Mestres fundada em 1976, os Escólar desde 1991, o Grêmio Estudantil fundado em 1976, os departamentos Cultural e Esportivo e a Biblioteca Rui Barbosa, criada em 1983.

VIDA SOCIAL

As primeiras sociedades de Vila Deodoro tinham denominações em alemão. Em 1924 havia três entidades: o Clube de Atracão (Schützenklub), a Sociedade de Tiro ao Alvo (Schützenverein) e a Sociedade de Canto (Gesangverein).

ECONOMIA

Além da agricultura, a economia da vila está centrada no comércio e do movimento da Estrada da Serra. A redução do telhado e Sampaio. O local tornou-se ponto de parada para viajantes e turistas que sobem a serra pela 54-422. A conservação dos jardins e da parte interna da igreja São José chamam a atenção de quem passa e é motivo de orgulho entre os moradores. A conservação do local e de suas instalações é de responsabilidade da Prefeitura Municipal. Ela é a última das igrejas católicas que também atuam junto a Escola Jubeal Junqueira.

Além da agricultura, a economia da vila está centrada no comércio e do movimento da Estrada da Serra. A redução do telhado e Sampaio. O local tornou-se ponto de parada para viajantes e turistas que sobem a serra pela 54-422. A conservação dos jardins e da parte interna da igreja São José chamam a atenção de quem passa e é motivo de orgulho entre os moradores. A conservação do local e de suas instalações é de responsabilidade da Prefeitura Municipal. Ela é a última das igrejas católicas que também atuam junto a Escola Jubeal Junqueira.

TURISMO

Geograficamente, Vila Deodoro está situada em posição privilegiada, no topo da cadeia montanhosa que existe entre os arroios Castilhano e Sampaio. O relevo é acidentado e difícil para a organização animados bailes e festas, especialmente no período de carnaval. Anexas ao salão, Orlando mantém um diversificado arquipélago de pinho. A arquitetura obedece ao estilo colonial inaugurado em 1952, o prédio tem dois pavimentos, sendo a maior vizinhança tinha como endereço o Salão de Bailes de Orlando Schulz.

Alte a década de 1980, a vida social de Deodoro e localidades vizinhas passou a denominar-se Sociedade de Danças Jovialidade. Até a década de 1980, a vida social de Deodoro e localidades vizinhas passou a denominar-se Sociedade de Danças Jovialidade. Até a década de 1980, a vida social de Deodoro e localidades vizinhas passou a denominar-se Sociedade de Danças Jovialidade.

Alte a década de 1980, a vida social de Deodoro e localidades vizinhas passou a denominar-se Sociedade de Danças Jovialidade. Até a década de 1980, a vida social de Deodoro e localidades vizinhas passou a denominar-se Sociedade de Danças Jovialidade.

Alte a década de 1980, a vida social de Deodoro e localidades vizinhas passou a denominar-se Sociedade de Danças Jovialidade. Até a década de 1980, a vida social de Deodoro e localidades vizinhas passou a denominar-se Sociedade de Danças Jovialidade.

Alte a década de 1980, a vida social de Deodoro e localidades vizinhas passou a denominar-se Sociedade de Danças Jovialidade. Até a década de 1980, a vida social de Deodoro e localidades vizinhas passou a denominar-se Sociedade de Danças Jovialidade.



Casa comercial e salão de baile de Orlando Schulz



Primeira capela católica de Vila Deodoro



Professoras da Escola Jubeal Junqueira realizaram a pesquisa histórica na Vila



Gruta Nossa Senhora de Lurdes, na subida da serra (no detalhe Dona Fria caminhoneira que colocou a primeira santinha, nos anos 50)

EXODO

O abandono da Estrada da Serra deixou cicatrizes profundas na economia da vila. A situação até hoje é lamentada pelos moradores mais antigos. A falta de perspectivas está forçando os jovens a abandonar a agricultura na busca por dias melhores na cidade. O êxodo rural é, atualmente, o maior problema da localidade. O exodo rural é, atualmente, o maior problema da localidade. O exodo rural é, atualmente, o maior problema da localidade.

O abandono da Estrada da Serra deixou cicatrizes profundas na economia da vila. A situação até hoje é lamentada pelos moradores mais antigos. A falta de perspectivas está forçando os jovens a abandonar a agricultura na busca por dias melhores na cidade. O êxodo rural é, atualmente, o maior problema da localidade. O exodo rural é, atualmente, o maior problema da localidade.

O abandono da Estrada da Serra deixou cicatrizes profundas na economia da vila. A situação até hoje é lamentada pelos moradores mais antigos. A falta de perspectivas está forçando os jovens a abandonar a agricultura na busca por dias melhores na cidade. O êxodo rural é, atualmente, o maior problema da localidade. O exodo rural é, atualmente, o maior problema da localidade.

O abandono da Estrada da Serra deixou cicatrizes profundas na economia da vila. A situação até hoje é lamentada pelos moradores mais antigos. A falta de perspectivas está forçando os jovens a abandonar a agricultura na busca por dias melhores na cidade. O êxodo rural é, atualmente, o maior problema da localidade. O exodo rural é, atualmente, o maior problema da localidade.

O abandono da Estrada da Serra deixou cicatrizes profundas na economia da vila. A situação até hoje é lamentada pelos moradores mais antigos. A falta de perspectivas está forçando os jovens a abandonar a agricultura na busca por dias melhores na cidade. O êxodo rural é, atualmente, o maior problema da localidade. O exodo rural é, atualmente, o maior problema da localidade.

O abandono da Estrada da Serra deixou cicatrizes profundas na economia da vila. A situação até hoje é lamentada pelos moradores mais antigos. A falta de perspectivas está forçando os jovens a abandonar a agricultura na busca por dias melhores na cidade. O êxodo rural é, atualmente, o maior problema da localidade. O exodo rural é, atualmente, o maior problema da localidade.

O abandono da Estrada da Serra deixou cicatrizes profundas na economia da vila. A situação até hoje é lamentada pelos moradores mais antigos. A falta de perspectivas está forçando os jovens a abandonar a agricultura na busca por dias melhores na cidade. O êxodo rural é, atualmente, o maior problema da localidade. O exodo rural é, atualmente, o maior problema da localidade.



Cemitério de Vila Deodoro ao lado da igreja São José



Irma Melitta dentro da igreja São José



Arvores de flores embelezam as casas da vila

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

As professoras da Escola Sebastião Jubeal Junqueira: Laura Carssim, Eliode Richter, Sonia Becker, Adriana Schieber. Ana Paroquia São João Batista (1941-1991) de Boqueirão do Leão, organizado pelo padre Alfredo Lenz. Livro do Centenário de Venâncio Aires, organizado pelo Centro Municipal de Cultura – Wünsch, Líviane Keller, a escritora substituta Marlene Becker, a monitora Marta da Veiga; os moradores da Vila: Hilda Becker, Genuc em 1991, Colônia de Santa Emília, de Cláudio Carlos Fröhlich, Thina Schulz, Sotange Schulz e Arselio Renz; o Fröhlich, 100 anos de Germanidade no Rio Grande do Sul (1824-1924), organizado originalmente em alemão pelo Hertrand Deutche Vereine e traduzido para o português por Arthur Blasandra Spert, o secretário de Planejamento Jader Rosa e alunos da Escola Sebastião Jubeal Junqueira.

Os livros consultados: *Abrindo o Baú de Memórias, o museu de Venâncio Aires conta a história do município*, organizado por Ojigário Paulo Vogt em 2004; Livro do Cinquentenário da nância Aires em 1999.



Orlando Schulz em seu armazém de secos e molhados



“Os Malta” animam festas com instrumentos antigos

Uma senhora chamada dona Leonora

As pesquisas sobre a história de Linha Leonor chegaram até 1904. Naquela época, havia um grande proprietário de terras chamado Manuel Sérvulo de Almeida, oriundo de Rio Pardo. Sua esposa era conhecida como dona Leonora (provavelmente, uma derivação de linguagem para Leonor, muito comum entre os descendentes portugueses). A família Almeida prosperou no lugar mas, com a morte do marido, ela decidiu vender as terras. Em 1922, a vasta área foi adquirida por Carlos Stamm, que é tido como o primeiro imigrante germânico a residir na localidade. No mapa de Venâncio Aires, datado de 1930, o lugar já aparece com o nome de Linha Leonor, fazendo divisas com Linha Sérvulo, que mais tarde passou a ser chamada de Linha Stamm.

A distância da cidade até Linha Leonor é de 37 quilômetros. O principal acesso é pela RS-422, até Linha Cachoeira. Uma placa identifica a entrada, que fica no lado esquerdo da RS e também dá acesso a Linha Cachoeira Baixa, Linha Stamm e Linha Saraiva, passando a ponte da divisa sobre o arroio Castelhana. Há outro acesso pela estrada de Linha Saraiva, no município de Santa Cruz do Sul, até a RS-422.

Na década de 1930, Adolfo Stamm, um dos 14 filhos de Carlos, dividiu suas terras em pequenos lotes, vendendo para outros imigrantes germânicos, entre eles Guilherme Penck, que ergueu o primeiro salão de baile da localidade.

Atualmente, 22 famílias residem na localidade, das quais se destacam os sobrenomes Böhm, Weber, Posselt, Nieland, Peise, Penck, Friedrich, Parckert, Kurtz, Schlosser, Fockink, Haupt, Kapp, Schwinn, Gollmann, Staub, Bartholdy e Behling.

Os moradores praticam sua fé na igreja evangélica Martin Luther, construída em 1981. Até então, os cultos e missas eram realizados ao ar livre, nos salões de baile ou na escola.

EDUCAÇÃO

A primeira escola passou a funcionar em 1952, em prédio de madeira na propriedade de Pedro Weber. O primeiro professor foi Armando Schwinn. Antes da construção da escola, as crianças freqüentavam a escola de Linha Cachoeira. Já o segundo prédio, denominado Escola Municipal de 1º Grau Incompleto São João Batista de La Salle, foi construído em 1961.

Vinte anos mais tarde a escola ganhou novo prédio, em alvenaria e manteve-se em atividade até 2003. Ela foi desativada em consequência do êxodo rural, pois não havia número de alunos suficientes. Em 1998 a escola contava com 17 alunos de 1ª a 4ª séries. São poucas as famílias que conseguem progredir em um lugar de muito difícil acesso.

SOCIEDADE

A primeira sociedade foi fundada em 21 de junho de 1929, com o nome de Gesangverein, como eram chamadas as sociedades de canto. Esta sociedade manteve-se ativa até 1947, mas foi vítima da perseguição à cultura alemã por ocasião da II Guerra Mundial. Dois anos depois os moradores reorganizaram-se e fundaram a Sociedade de Atiradores, com sede no salão de Pedro Weber. Em 1950, a sociedade transferiu sua sede para o salão de Balduino Gollmann com o nome de Sociedade de Cantores Ipiranga, denominação que foi alterada em 2007 para Associação Recreativa Ipiranga.

A Sociedade de Damas Flor de Maio foi fundada em 25 de março de 1934, tendo como sede o salão de Guilherme Penck. Em 1946, o salão Penck foi adquirido por Felipe Willms e, mais tarde, mudou-se para o salão de Balduino Gollmann. O salão Gollmann manteve-se ativo por 38 anos. Em 1998, já sob a administração do casal Hélio e Nair Penck, o salão foi



Salão Penck, sede das sociedades de Linha Leonor

reformado, com o auxílio da prefeitura municipal e o esforço conjunto dos sócios das duas sociedades. Principais atividades de lazer atualmente: bolãozinho de mesa, futebol, festas de sociedades, bailes, festa do Colono Imigrante, jogo de baralho e bingo.

ECONOMIA

Assim como as demais localidades do Terceiro Distrito, Linha Leonor possui relevo bastante acidentado, porém seus habitantes esforçam-se em retirar o sustento das encostas dos morros há várias gerações, bem como preservar sua história para as gerações futuras.

Teolina Fockink é uma das mais antigas moradoras. Ela nasceu no dia 03 de outubro de 1938. Atualmente, mora junto com a família do seu filho Clécio (47 anos) numa confortável casa de alvenaria. Junto à propriedade está a velha casa de madeira, na encosta do morro, onde Teolina nasceu há 69 anos.

A fumicultura faz parte da rotina dos moradores desde os primórdios, inicialmente com fumo de galpão e, nas últimas quatro décadas, com fumo de forno. Além da agricultura, existem outras atividades profissionais, como pe-



Igreja evangélica Martin Luther, construída em 1981



A casa onde nasceu Teolina Fockink está desabitada

dreiro, comerciante, motorista e músico.

A rotina dos moradores é semelhante às demais localidades do Terceiro Distrito e o chimarrão não pode faltar.

O relevo de Linha Leonor favorece atividades relacionadas ao turismo rural. Os morros e encostas criam paisagens de rara beleza. Próximo ao salão Penck há uma cachoeira, mas o local é de difícil acesso, falta infra-estrutura e melhores condições da estrada.

Carlos Stamm foi o pioneiro

A história da Linha Stamm está diretamente ligada à Linha Leonor. A localidade passou a existir com o desmembramento das terras de Carlos Stamm, a partir de 1930. Duas colônias, o equivalente a 60 hectares, representam a área total da localidade.

Distante aproximadamente 40 quilômetros da cidade de Venâncio Aires, limita-se com Linha Julieta, Linha Leonor e Linha Cachoeira Baixa. O principal acesso a partir de Venâncio Aires, é pela RS-422, passando por Linha Leonor. O outro é a partir de Linha Saraiva (Santa Cruz do Sul), atravessando a ponte do Castelhana e seguindo pela estrada que liga linha Saraiva a RS-422.

Além dos descendentes de Carlos Stamm, outra família pioneira foi a de sobrenome Willms. Os mais antigos lembram que, quando as duas famílias instalaram-se na localidade, havia muita mata. Fizeram uma casa com palmito. Os animais selvagens urravam ao redor das casas. A locomoção dava-se por trilhas abertas na selva, por onde passavam mulas e pessoas a pé.

O desenvolvimento da localidade seguiu lento até os dias atuais. Hoje são apenas cinco famílias na área, mas famílias de localidades vizinhas participam das atividades sociais e religiosas na localidade, que possui escola, uma capela e um antigo salão de baile.

COMUNIDADE

A história de Linha Stamm está sendo construída lentamente. O mais recente capítulo foi escrito no último dia 16 de setembro de 2007, com a inauguração da capela católica Sagrado Coração de Jesus. O templo é resultado do esforço dos próprios moradores e de uma verba da Alemanha. Desde que foi criada, em 1978, a comunidade praticava sua fé nas dependências da Escola Municipal Presidente Vargas. Até então, os poucos moradores deslocavam-se até a igreja da vizinha localidade de Linha Cachoeira Baixa.

A vida da comunidade gira em torno da escola. O primeiro prédio escolar foi construído em 1968, de madeira, medindo 48 metros quadrados, em terreno doado pelo casal Augusto e Erminda Keller, fundadores do salão Keller. O primeiro professor foi Ivo Michels, com alunos de 1ª a 4ª séries.

Em 1975 foi construído novo prédio, medindo 85 metros quadrados, para abrigar a 5ª série também. Vinte anos depois, a 5ª série foi desativada por falta de alunos. Em 1998 o educandário recebeu a denominação de Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente Vargas, mantido até hoje.

O êxodo rural continuou crescente e atingiu a escola em cheio. Nos anos de 2004 e 2005 o prédio ficou fechado pelo baixo número de alunos, mas no ano seguinte as atividades foram retomadas com 10 crianças, número que permanece até hoje. As crianças são atendidas pela professora unidocente Lisane Elisabete Willms Nieland, que reside na vizinha localidade de Linha Saraiva, município de Santa Cruz do Sul.

A história de Linha Stamm está intimamente ligada com o trabalho da família Keller, que em 1967 inaugurou um salão de baile, todo construído em madeira e que mantém suas características originais até hoje. Junto ao salão, a família é responsável pela única casa comercial da localidade, inaugurada em 1980 e atualmente sob direção de Elaine Keller.

ECONOMIA

A agricultura é a base da economia de Linha Stamm. Os moradores plantam fumo de forno, milho e produtos de subsistência. Antigamente plantava-se o fumo de galpão. As atividades profissionais desenvolvidas na localidade são: comerciante, pedreiro, marceneiro, motorista de ônibus e professor. Os demais são agricultores.

Os moradores seguem a rotina padrão da

maioria das localidades do terceiro distrito: levantam ao clarear do dia, tomam chimarrão, depois café, tratam os animais e seguem para a lavoura, retornando ao meio-dia para o almoço. À tarde voltam para a roça até próximo do escurecer, quando retornam para casa. O chimarrão faz parte da rotina de manhã, meio-dia e à noite.

A rotina é basicamente a mesma há décadas. Hoje está um pouco melhor porque os moradores podem usar implementos agrícolas, mas a maioria do trabalho na lavoura é braçal ou com uso da força animal, devido ao terreno ser muito irregular.

Atualmente a localidade enfrenta dificuldades no seu desenvolvimento devido à distância da cidade, o que está provocando o êxodo rural, pois os jovens saem da roça a procura de emprego e melhores condições de vida.

LAZER

Aos finais de semana, os moradores da localidade divertem-se com o jogo de loto, futebol, carteados e as reuniões das duas entidades sociais que funcionam junto ao salão Keller: a Associação Esportiva e Cantores Boa Amizade, fundada no dia 03 de março de 1974 e a Associação de Damas Santa Helena, fundada em 08 de setembro daquele mesmo ano.

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

Em Linha Leonor: Professora Lisane Elisabete Willms Nieland e alunos da Escola Municipal Presidente Vargas, de Linha Stamm, que realizaram a pesquisa. Pessoas entrevistadas: Teolina Fockink, Daniel Fockink, Antônio Ehlert, Eno Nieland, Armando e Nelson Willms, Erquídio Schlosser, Clécio Kapp, Leocádia Haupt, Ana Paula Staub, Célio Nieland e Ivone Penck Schwinn.

Referencial teórico: pesquisa histórica re-



Escola Presidente Vargas, tendo ao fundo a nova capela



Professora Lisane Nieland com seus 10 alunos

alizada em 1998 pela professora Elaci Teresinha Pressler, da antiga escola de Linha Leonor. Pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Educação em 1999.

Em Linha Stamm: A professora Lisane Nieland e os alunos da E.M. Presidente Vargas, mais os moradores Amando Willms, Nelsi Willms, Erminda Keller, Darci Keller, Elaine Keller, Ari Keller e Elmiro Keller.

Os tropeiros e as cachoeiras

Marcas da origem de Linha Cachoeira permanecem bem vivas nas belas cachoeiras, que serviram de inspiração para os tropeiros e primeiros mercadores, há mais de 100 anos. Naquela época, a localidade incluía Linha Cachoeira Baixa.

A parte alta da Linha Cachoeira é cortada pela RS-422, distante aproximadamente 35 quilômetros da cidade. Ali se formaram duas comunidades, uma em torno da Escola Municipal Osvaldo Cruz e outra em torno da antiga escola 11 de Maio. A escola Osvaldo Cruz localiza-se próximo da divisa com Linha Cipó e atende crianças desta localidade, enquanto a Escola Helmut Lehmen (antiga 11 de Maio) faz parte do povoado que se formou nas proximidades da capatazia do Daer.

Localizada na parte central do Terceiro Distrito, Linha Cachoeira foi o marco divisório da imigração. As localidades acima são as mais antigas, com predominância de moradores lusos e italianos, enquanto os germânicos permaneceram nas localidades abaixo. Por esta razão, Linha Cachoeira mescla moradores das três origens.

Por volta de 1905 os imigrantes alemães chegaram. As primeiras famílias foram de Alberto Schwantz, Hugo Kraus e João Mathias Schmidt, Germano Mohr, Helmut Lehmen, João Fischer, Pedro Heck e Roberto Sterz, mais os pioneiros de sobrenome Ruhoff, Göttems, Pressler, Röhler, Gollmann. Entre os lusos, o sobrenome mais antigo é Cardoso.

No início da colonização, a maior dificuldade era a falta de estradas. Quando uma pessoa precisava médico, tinham que procurar ajuda em Santa Cruz do Sul. O doente era levado em carroça, que também eram os únicos veículos para transportar mercadorias até o município vizinho para a troca por produtos industrializados, como sal e querosene.

Com a abertura da Estrada da Serra, a partir de 1910, a realidade transformou-se, dando início ao ciclo de grande desenvolvimento. As décadas de 1940, 1950 e 1960 foram marcadas pela prosperidade. A RS-422 estava aberta havia 20 anos. A população aumentou devido ao movimento dos tropeiros de gado e dos carroceiros, que traziam erva-mate e madeira de pinho do alto da serra. Sem falar no movimento de carros e caminhões, que cresceu consideravelmente a partir de 1950. Neste período surgiu indústrias ervateira Elacy, da família Heck; um hotel e salão de baile, da família Lehmen. A capatazia do Daer chegou a ter 50 casas de família dos operários. Para aliviar o pó da estrada, o Daer construiu 500 metros de asfalto na parte central do vilarejo.

EDUCAÇÃO

Em função do tamanho da localidade, houve a necessidade de construir duas escolas, uma vez que as crianças estudavam na antiga capela. A primeira escola chamou-se Escola 11 de Maio, que iniciou suas atividades em 1946 em terreno doado por Helmut Lehmen. Roberto Sterz foi o primeiro professor. Em 1960 foi criada a Escola Rural de Linha Cachoeira, administrada pelo Estado, que em 1977 alterou sua denominação para Escola Estadual Helmut Lehmen. Atualmente, 17 alunos estudam sob orientação da professora Nadir Marlene Mohr Lehmen.

Em 1949 foi construída a Escola Municipal Osvaldo Cruz, próximo à divisa com Linha Cipó. Até então as aulas eram na casa cedida por Otávio Schwanz. As primeiras professoras foram Donaide Flores e Lara Pereira Gomes. O prédio atual foi inaugurado no dia 19 de junho de 1988 e conta atualmente com 18 alunos, orientados pela professora unidocente Juraci Lisete Jaeger Fröhlich. Há 20 anos, a escola conta com 70 alunos.

Junto à escola Osvaldo Cruz, a prefeitura municipal e a comunidade construíram um pavilhão de festas, onde são realizados os eventos sociais da escola, da Sociedade Recreativa Girassol (fundada em 08 de agosto de 1971) e do Clube de Mães Nossa Senhora Aparecida

(fundado em 05 de dezembro de 1992).

ECONOMIA

Linha Cachoeira situa-se bem no topo da primeira cadeia de morros que compõe a Serra Geral. Ao andar pela RS-422, tem-se a impressão que o terreno é plano. No entanto, basta olhar para qualquer um dos lados para verificar a profundidade dos vales e encostas, que formam belas paisagens, porém dificultam o trabalho na terra.

O fumo aparece em primeiro lugar na lista dos produtos agrícolas, seguido do milho, aipim, feijão, batata doce, batata inglesa (batatinha), amendoim, cana-de-açúcar, pipoca e uva. Nos últimos 10 anos, o plantio de eucaliptos ganhou força. A madeira é usada para a secagem do fumo, bem como para a indústria madeireira.

As belas cachoeiras lembram um passado de dificuldades e progresso em Linha Cachoeira. Atualmente, elas continuam belas, mas o progresso da localidade há muito foi embora: o Hotel Lehmen fechou; a indústria ervateira Elacy transferiu-se para Linha Ponte Queimada e na capatazia do Daer mora apenas uma família. A localidade sofreu um golpe profundo com a transferência do movimento da Estrada da Serra para Lajeado no final da década de 1960.

Lembranças daquele tempo estão na memória e nos objetos guardados por Laeni Clédia da Cunha (54 anos). Ela está montando em sua casa um museu particular, onde guarda com carinho um documento escrito em alemão pela avó, Otilia Gollmann, com detalhes da realidade de Linha Cachoeira até os anos de 1930. Também integram o museu instrumentos utili-



Laeni Cunha guarda documentos e fotos do início do século XX

zados por sua mãe, Natália Cena Jaeger, a parreira Cena, que ajudou mais de três mil mulheres a darem a luz na década de 60 e 70.

O turismo é uma fonte de renda a ser explorada. Além das belas paisagens, Linha Cachoeira tem a mais alta cascata do município. Situada na propriedade de João Olindo da Silva, a queda d'água tem mais de 50 metros de altura. No entanto, seu acesso é muito difícil, o que impede o desenvolvimento do turismo.

Atualmente, moram em torno de 70 famílias na parte alta de Linha Cachoeira, entre proprietários e meeiros. A casa comercial mais antiga em atividade é atendida por Nilo e Neri Parckert.

RELIGIÃO

A primeira igreja foi construída em 1927. Esta não existe mais. Atualmente, os moradores exercitam sua fé na igreja São Francisco de Assis, inaugurada no dia 12 de março de 1978.



Professora e alunos da E.E. Helmut Lehmen



Professora e alunos da E.M. Osvaldo Cruz

Ao lado, está o salão comunitário 25 de Julho, que é sede das seguintes entidades: Associação de Cavalheiros Flor da Serra, Associação de Damas Sempre Unidas, Comunidade Católica São Francisco de Assis e da Sociedade Esportiva Cachoeira. As promoções festivas da Escola Estadual Helmut Lehmen também ocupam o salão.

A bela cascata do Véu da Noiva

A natureza é rica em atrações turísticas em Venâncio Aires. Um bom exemplo está em Linha Cachoeira Baixa. No passado, a localidade integrou a área territorial de Linha Cachoeira e o motivo do nome está na cascata chamada Véu da Noiva.

Com duas quedas d'água que somam aproximadamente 30 metros de altura, a bela cascata formou-se no vale entre os morros onde nasce o arroio Isabel. Há dois acessos: um por Linha Isabel e outro pela RS-422, a partir de Linha Cachoeira.

A localidade é colonizada por imigrantes germânicos. A família Stahl foi a primeira a chegar, em 1895. Mais tarde chegaram as famílias Röhl e Stamm. Atualmente são 30 famílias habitando a área de cinco quilômetros quadrados, cercada de morros e matas.

A educação é mantida graças ao esforço da professora unidocente Caroline Inês Bender, 27 anos, que aceitou o desafio de trabalhar e morar na escola, já que é natural de Vila Palanque, distante aproximadamente 60 quilômetros. Ela tem seis alunos e preocupa-se com o futuro da comunidade, pois a escola já esteve fechada de 2002 até 2005 e reabriu no ano passado a pedido dos pais.

A E. M. Anita Garibaldi foi inaugurada no dia 09 de agosto de 1980. Antes, as aulas eram dadas na antiga igreja evangélica. A comunidade católica Nossa Senhora Aparecida foi fundada em 1969 e inaugurou seu templo no dia 01 de junho de 1997.

A economia da localidade está baseada no fumo. Há 20 anos também se plantava soja. As características do terreno favorecem as culturas de feijão e aipim. Outras atividades desenvolvidas: magistério, mecânico, músico, agente de saúde, comerciante e safristas, que após a colheita do fumo empregam-se nas fumageiras para trabalhar no beneficiamento da safra.

A rotina das famílias de agricultores é a mesma que das demais localidades, assim como as diversões nos finais de semana. Quando tem torneio de loto, um caminhão é especi-

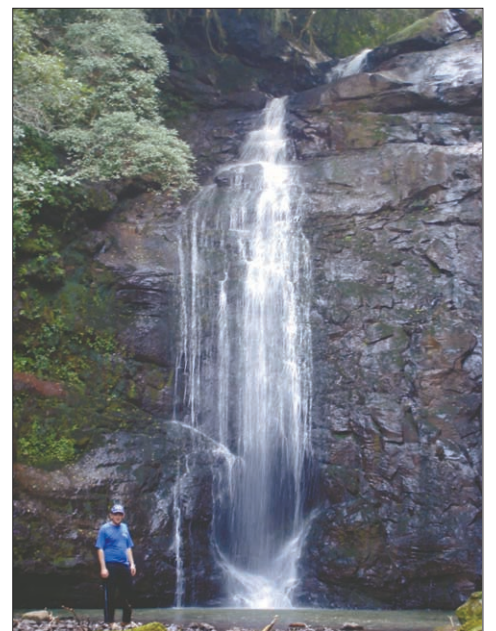


Professora e alunos da E. M. Anita Garibaldi

almente contratado para levar os jogadores até a sociedade promotora do evento.

A vida social é uma tradição antiga conservada pelos moradores. A Sociedade de Cantores Ideal foi fundada em 03 de julho de 1932, como resultado dos encontros das famílias, que naquela época tinham por hábito reunirem-se à noite para rezar, conversar e cantar. Em 1936 surgiu a Sociedade de Damas Sempre Verde. Ambas estão sediadas no salão comunitário, também chamado Ginásio da Figueira, porque foi construído no lugar do antigo Salão da Figueira. A figueira em questão é centenária e um dos pontos de referência da localidade.

A localidade também sofre com as consequências do êxodo rural. As principais causas são a distância da cidade, a falta de boas estra-



Fávia Bergmann estima que a cascata tenha 30 metros de altura

das, não tem linha de ônibus, nem telefone, além da falta de perspectivas de futuro na roça. Os casais mais jovens estão mudando para a cidade. Aqueles que ficam controlam a natalidade, tendo um ou no máximo dois filhos.

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

Em Linha Cachoeira: Professoras Nadir Lehmen e seus alunos; professora Juraci Fröhlich e seus alunos. Os moradores da localidade: Laeni Cunha (54 anos), João Olindo da Silva (55 anos), Silvio César da Silva (31) e seus filhos Rodrigo (14) e Rafael (14); Osvaldo Felipe Renz (74), Sibila Renz (70).

Também foram usadas informações da pesquisa realizada pela Secretaria de Educação em 1999.

Em Linha Cachoeira Baixa: A professora Caroline Bender e seus alunos; os moradores Lindolfo Wessling, Reynaldo Bergmann e Flávio Bergmann.

No caminho dos tropeiros, um marmeleiro

A origem de Linha Marmeleiro também remonta ao tempo dos tropeiros, há mais de 100 anos. Não há registro oficial, mas os moradores mais antigos contam que na localidade havia pés de marmelo, sombra e água fresca nas margens da estrada. O local tornou-se ponto de parada da tropa.

Os primeiros colonizadores são de origem lusa e africana. Entre os quais Evaristo Severo, João Cândido de Moura, Elias Cândido de Moura, Valdemar Machado de Oliveira, Abel Guterres de Carvalho, Estevam Francisco Lopes, Maurício de Araújo, João de Araújo, José Jesus Ferreira e Julio Barros.

Ente os imigrantes germânicos aparecem Teobaldo Feix, Albino Bergmann, Pedro Rauber, Carlos Horback, Henrique Becker e Guilherme Schlosser.

Aqui também aparecem imigrantes italianos: Jorge Musa, Napoleão Maioli e Floravante Zanata.

Merece registro na história de Linha Marmeleiro, a contribuição do capataz do Daer, Edmundo Apollo Duarte, que coordenou as equipes de trabalho durante a abertura da Estrada da Serra, na década de 1920. Os empreiteiros, operários e suas famílias, aos poucos, foram instalando-se ao longo da rodovia.

Entre os antigos ainda há uma confusão com relação ao nome da localidade, que anteriormente chamava-se Linha da Serra. A exem-

plo de Linha Cachoeira e Vila Deodoro, Marmeleiro já experimentou um período de progresso com os primeiros colonizadores. Tinha casas de comércio, serralherias e moinhos hidráulicos. Tinha um professor conhecido como "Zeca Barludo" vindo da Europa e usava a "Cartilha Seleta" e dava aulas na Igreja São José de Linha Marmeleiro e no Sampaio fazendo este trajeto montado em uma mula. Era de pouca conversa. Tinha uma parteira a "Vovó Tiss" que atendia os colonizadores em uma época de intensa atividade agrícola: plantava fumo e algodão, mantimentos para subsistência familiar e tinha criação de abelhas. Os padres vinham acompanhados pelos sacristãos do município de Sério e a missa só se realizava em Linha Marmeleiro, onde aconteciam os batizados e casamentos. As estradas eram trilhos. Na antiga Linha da Serra havia a Escola Municipal Jacob Becker, que foi fechada por falta de alunos. Ainda há uma capelinha evangélica e um cemitério nas proximidades.

Atualmente, as crianças de Linha Marmeleiro estudam na Escola Municipal João Cândido de Moura. A primeira escola chamava-se Benjamin Constant, construída na década de 1950. Antes, as aulas eram em casas particulares. Na década de 60, a localidade ganhou sua Escola Rural, administrada pelo Estado. Os antigos pés de marmelo que deram origem ao nome da localidade foram derrubados com o passar do



Professora Leila com alunos que participaram da pesquisa em Marmeleiro



Igreja católica São José, de Marmeleiro

tempo. Para reavivar a história, há 10 anos a professora Leila Duarte Fumagali e seus alunos da época, plantaram mudas de marmeleiro em torno da Escola João Cândido de Moura. Uma árvore com frutas foi encontrada na propriedade de Sílvio César da Silva, em Linha Cachoeira.

Nos dias atuais, Marmeleiro está se desenvolvendo nas margens da RS-422, a 45 km de distância da cidade de Venâncio Aires. São aproximadamente 80 famílias, que trabalham com fumo, erva-mate e reflorestamento com eucalipto.

Oswaldo de Moura (82 anos) é um dos mais antigos moradores. Ele lembra de histórias contadas pelo seu avô, da época da colonização

lusa, quando os índios bugres ajudavam na colheita e no transporte de erva-mate da região da serra até o porto em Mariante.

Odair José Bresciani é um dos atuais líderes da comunidade e é exemplo do processo inverso do êxodo rural. Filho de agricultores da região, ele estudou e trabalhou na cidade na década de 1980. Em 1993 retornou para a terra natal. Em 2007 a comunidade inaugurou o seu ginásio de esportes de 900 metros quadrados, ao lado da igreja católica São José. O prédio foi construído em parceria com a prefeitura e sede da Sociedade Esportiva São José e do Grupo do Lar Pioneiras da Serra, com o objetivo de contribuir para o progresso e o desenvolvimento da localidade.

Homenagem a Julieta Eichemberger

Jorge Eichemberger foi um grande proprietário de terras, no início da colonização da região da serra, nas proximidades do arroio Castelhanos. Sua esposa chamava-se Julieta e foi vítima de grave doença. Anos após o seu falecimento, a localidade passou a ser conhecida como Linha Julieta.

Distante 35 quilômetros da cidade de Venâncio Aires, a localidade limita-se com o município de Santa Cruz do Sul, sendo separado pelo arroio Castelhanos. O principal acesso a partir da cidade é pela RS-422. De Santa Cruz, o acesso é por Linha Saraiva.

Além dos Eichemberger, constam como pioneiros as famílias Frantz, Holschuh e Vogt. Destas não restou nenhum descendente.

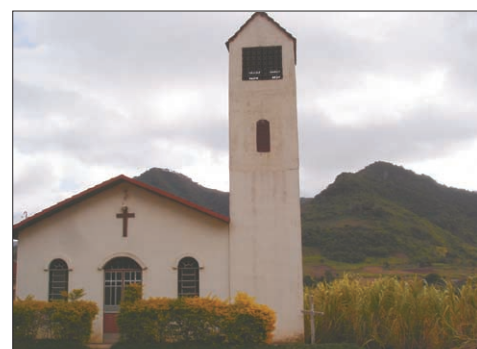
Desde os primórdios, a principal dificuldade é o acesso, pois as estradas são estreitas e perigosas. De um lado há morros e, do outro, peraus. Ainda há muita área coberta com mata nativa.

Quinze famílias moram atualmente. Eles praticam sua fé na igreja católica São José, construída ao lado da Escola Municipal Vidal de Negreiros. Ao lado da escola foi construído um pavilhão comunitário, que é sede da Sociedade de Tiro ao Alvo Gaúcho e da Sociedade de Damas Unidas Venceremos. A escola conta com oito alunos, orientados pela professora unicentista Franciele Bohnenberger, que reside na cidade e passa a semana na localidade.

Apesar das dificuldades, os moradores trabalham pensando no futuro. Com união, esforço e apoio do poder público, estão construindo um novo campo de futebol, defronte à escola, que trará mais um motivo para a permanência dos jovens no meio rural. Mas há a necessidade de melhorias na estrada, para facilitar o escoamento da produção. As grávidas deslocam-se ao hospital alguns dias antes do parto, para evitar imprevistos de última hora



Professora Franciele com os alunos, tendo ao fundo o pavilhão escolar



Igreja católica de Linha Julieta

no caminho.

A produção agrícola de Linha Julieta assemelha-se às demais do distrito, porém a suinocultura e a criação de abelhas aparecem como

alternativas de renda. No passado, plantava-se soja, arroz e trigo. A prestação de serviços é outra atividade desenvolvida, através de transporte escolar, borracharia e cabeleireiro.

A grande cascata de Linha América

Os primeiros moradores de Linha América foram pessoas de muita garra e com poucos recursos financeiros que se instalaram nas encostas do morro, próximo ao vale do Castelhanos. Desde antigamente a região era de difícil acesso e continua sendo até hoje. Os pioneiros tiveram que lutar, desmatando um local acidentado para plantar produtos de subsistência e se protegerem de animais selvagens. A localidade vizinha de Arroio do Tigre foi assim denominada em função da existência de onças paradas na época da colonização, há mais de 100 anos atrás. Como não conheciam onças, acharam que fosse os tigres conhecidos na Europa.

Atualmente, Linha América é um lugar pobre e muito acidentado e os jovens continuam

saindo em direção a lugares melhores de morar e trabalhar, especialmente para a cidade.

Os pioneiros de Linha América foram de descendência germânica, entre os quais Jacó Horbach, Luis Schuster e Roberto Schlosser. Também aparecem famílias Bresciani, Frisch, Theis, Kreinner, Bergmann e Petry todos de origem alemã. A religião predominante é a católica. Cultivam os morros e colhem só para sua subsistência. Cada família possui uma junta de bois que serve para o trabalho e transporte.

Duas curiosidades desse local é que quase todas as famílias são parentes entre si, isso devido a vários casamentos consanguíneos e que os descendentes de alemães são de pele more-

na ou bem morenos devido à mistura com lusos. Em casa, as famílias costumam falar em alemão.

Linha América teve escola até o ano 2000. Tinha como patrono Walter Schlosser que doou o terreno. Inaugurada no dia 17 de agosto de 1980, a escola fechou por falta de alunos e porque as professoras tinham dificuldade de chegar até a escola, devido à estrada e aos morros.

A falta de escola também prejudicou a pesquisa em Linha América, cuja origem do nome é desconhecida.

CACHOEIRA

Embora distante e quase esquecida no mapa, Linha América bem que poderia chamar-se Linha Cachoeira. Em terras de Paulo César Montinelli (27 anos) esconde-se a mais caldosa das quedas d'água do interior de Venâncio Aires. A cascata é irrigada pelo arroio Castelhanos, tem aproximadamente 30 metros de queda livre, mas está escondida no meio da selva. Para encontrá-la é necessário aventurar-se morro abaixo, por uma trilha perigosa. O agricultor tem interesse em investir no ecoturismo, mas esbarra na falta de recursos.



Em Linha América, arroio Castelhanos esconde esta belíssima cascata

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

Em Linha Marmeleiro: Professora Leila Fumagali, alunos e APM da Escola João Cândido de Moura; Oswaldo de Moura, Odair José Bresciani, moradores da localidade.

Em Linha Julieta: Professora Franciele Bohnenberger e alunos da Escola Vidal de Negreiros.

Em Linha América: Odair José Bresciani e Paulo Cesar Montinelli. Também foram utilizadas informações da pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Educação em 1999; do livro do Cinquentenário da Paróquia de Boqueirão do Leão e do livro Abrindo o Baú de Memórias, do Museu de Venâncio Aires...

As belezas do Alto Sampaio

Em todo o Terceiro Distrito, histórias de tenacidade e coragem orgulham os imigrantes, que transformaram selva em terras produtivas, vencendo o medo, a solidão e a saudade dos entes queridos que ficaram além mar.

Em Linha Alto Sampaio a história não é diferente. Localizada na parte superior do vale do arroio Sampaio, a localidade esconde belezas naturais e muitos mistérios por trás de rostos sofridos e mãos calejadas.

Os primeiros moradores foram Otto Feix, Otto Hen, Baldoíno Lenhardt, Ana Bienert e respectivas famílias, todos de origem alemã. Devido às características do terreno, a localidade possui poucos moradores. O casal Roni (35 anos) e Mariza Feix (34) resolveram permanecer na colônia, ao contrário da maioria dos jovens de sua idade, que estão mudando para a cidade. O casal planta fumo em duas áreas nas proximidades do arroio Sampaio e tira da terra os produtos de subsistência para a família de três filhos. Para eles, 2007 é um ano muito es-

pecial, porque construíram uma casa nova.

A primeira escola de Linha Alto Sampaio foi fundada na década de 1950. Era particular e o primeiro professor foi Almiro Henn. Em 1968 foi construída uma nova escola, a qual passou a chamar-se Escola Municipal 25 de Julho. Atualmente, conta com seis alunos, inclusive do vizinho município de Sério. A coordenação dos trabalhos é do professor unidocente Mário Masseroni.

Vladimir Franck (9 anos) é um dos alunos que mora do outro lado do arroio Sampaio. Seu pai, Irno (32) experimentou a vida na cidade de Venâncio Aires, mas preferiu voltar para o interior. Seu avô, Normélio Franck (54 anos) tem nos fundos da casa uma das mais impressionantes formações rochosas do interior de Venâncio Aires: um paredão de aproximadamente 100 metros de altura por 400 metros de comprimento, que se tornou atração turística e recebe visitas de aventureiros de outras cidades. No local, as águas do Sampaio são cristalinas. A família Franck tem interesse no eco-turismo,



Paredão dos Franck, em Linha Alto Sampaio



Professor Mário com alunos junto à horta da 25 de Julho

mas esbarra nas dificuldades para montar a infra-estrutura necessária para receber visitantes. Lendas antigas dão conta da existência de tesouros escondidos no alto do paredão.

Alto Sampaio tem a maior parte de sua área localizada no município de Sério. Além das

pontes ligando as duas localidades, os moradores construíram várias "pinguelas", para facilitar a travessia.

Alto Sampaio é mais uma localidade com grande potencial turístico, que merece investimentos por parte do poder público.

As datas do seu Abrahão Kniphoff

Linha Datas é a última localidade antes da divisa de Venâncio Aires com Boqueirão do Leão. Cortada pela RS 422, faz divisas com Linha Marmeleiro e Sete Léguas, no vizinho município. Ela guarda em seu nome lembranças da época do império, quando os primeiros colonizadores portugueses ou militares remanescentes da Revolução Farroupilha e da Guerra do Paraguai, receberam grandes dotações de terras, através de cartas de data. Uma data equivale a 272 hectares. Na época, a região era ocupada por índios ou por invasores castelhanos. Abrahão Kniphoff foi um destes grandes proprietários. Por muitos anos, a localidade ficou conhecida como Datas do Abrahão. Ele desenvolveu em sua propriedade uma próspera serraria, de onde vendia tábuas de pinho para toda a região. Tinha muitos agregados. Com o passar do tempo, as terras foram sendo ocupadas e divididas. Quando a RS-422 foi aberta, a localidade passou a chamar-se Linha Três Barras, mais tarde incorporada por Linha Marmeleiro. Problemas de relacionamento entre moradores

de Linha Marmeleiro fizeram com que alguns trabalhassem no sentido de criar uma nova localidade. Foi daí que surgiu Linha Datas, cujo nome lembra a grande propriedade de Abrahão Kniphoff. Maurício da Costa (de origem africana) e Olga Maas Belina (italiana) lideraram o movimento de construção da nova localidade, com o apoio de João Franco Ribeiro, Bruno Stein, Guilherme Bernardo Hansel, José da Cruz, Edgar Stacke entre outros. Linha Datas fica a 48 quilômetros de Venâncio Aires e a 18 de Boqueirão do Leão. Os primeiros moradores foram Gertrudes Araújo, Helmuth Mohr, Antônio Severo, Leonardo de Freitas, Maurício da Costa, Pedro de Oliveira, José Belina, João Camini, Edgar Stacke, Selestino Barbosa, Mário da Rosa, João Franco Ribeiro, Helmuth Theis e Júlio Gonçalves.

Em 1965 construíram em forma de mutirão uma escola. É no pavilhão escolar que se realizam os batizados, velórios, casamentos, festas e atividades do Clube de Mães Santa Teresinha. No local acontecem os encontros de famílias,



Professora Martha com os alunos da E.M. Abrahão Kniphoff



Nascente do arroio Castelhana, em Linha Datas

catequese, pastoral da criança e missas. Nos finais de semana a diversão dos moradores é no bar, que tem sinuca, carta, bocha.

Um das nascentes do principal arroio de Venâncio Aires está na localidade. O Castelhana nasce discretamente em um poteiro, às mar-

gens da RS-422. Não há nenhuma placa de identificação, nem proteção. Poucos metros abaixo, a nascente abastece um pequeno lago e segue seu destino para transformar-se na principal fonte de água para irrigação das lavouras e abastecimento da população de Venâncio Aires.

Os paredões da Serra Geral

Para compreender a origem de Linha Alto Paredão, é necessário voltar no tempo, mais precisamente antes de 1891, quando as terras da região ainda pertenciam ao município de Santa Cruz do Sul. Chamava-se Linha Paredão e era dividida em duas partes: a alta e a menos alta. Com a emancipação de Venâncio Aires, a localidade foi dividida e a parte alta coube ao novo município. A parte que ficou para Santa Cruz do Sul é uma progressista comunidade, com comércio, prestação de serviços e até asfalto na rua principal.

O nome "paredão" faz referência a grandes formações rochosas da Serra Geral, os chamados paredões de pedra. Os mais destacados encontram-se nos municípios de Sinimbu e Boqueirão do Leão.

Há duas escolas em Alto Paredão: uma no Paredão Pires e a outra no Paredão do Augusto Rosa. Ainda há muita mata nativa e a natureza é exuberante, com lindas cascatas. Os paredões de pedra estão virando atração turística, junta-

mente com uma cascata, no arroio da divisa entre Venâncio Aires e Boqueirão. A maioria dos moradores é de descendência portuguesa e cultivam a tradição gauchesca. A localidade é carente e distante de tudo, porém nada se compara as dificuldades dos antepassados. O centro comercial mais próximo fica em Sete Léguas (distante 8 quilômetros).

PIRES

A Escola Municipal Alcebiades Moreira localiza-se no Paredão Pires. É a localidade mais distante do interior de Venâncio Aires, a 65 quilômetros longe da cidade. Os pioneiros foram Jorge Inácio Pires, Arnesto Queiroz, Lindolfo Ferreira e Januário Moreira, que chegaram por volta de 1940. A primeira escola foi fundada em 12 de março de 1962. Chamava-se Maria Goretti, nome alterado para Alcebiades Moreira, líder comunitário que faleceu em 1992.



Professora Ivete com alunos do Paredão Pires



Professora Maria Cleci com alunos do Paredão do Augusto Rosa

O pavilhão comunitário, construído em 1995 ao lado da escola, abriga as atividades sociais da Associação de Damas e Clube de Mães Estrela do Sul, criada em 23 de fevereiro de 1989. No pavilhão, a comunidade Nossa Senhora das Graças, criada em 1965, realiza eventos religiosos, após a demolição da antiga capela de madeira. Também há uma associação telefônica e uma rede hídrica sendo instalada.

AUGUSTO ROSA

A outra comunidade desenvolveu-se em torno da propriedade de Augustinho Vieira da Rosa, por volta de 1950. O espírito de lideran-

ça tornou Augusto Rosa conhecido e admirado pelos demais moradores que chegaram posteriormente. A primeira estrada foi aberta em 1974, ano em que a comunidade ganhou sua primeira escola, chamada Ida Becker, atualmente Escola Municipal Alcides Vieira da Rosa, nome dado em homenagem ao pai de Augustinho.

Atualmente 35 famílias moram nas proximidades da escola. Alguns moradores cultuam a religião evangélica através da igreja Deus é Amor, fundada em 2002.

Tanto no Paredão Pires quanto no Paredão do Augusto Rosa, o fumo é a principal atividade agrícola, seguido da erva-mate e de produtos de subsistência.

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

Em Linha Alto Sampaio: Professor Mário Masseroni e alunos da E.M. 25 de Julho.

Em Linha Datas: Professora Noemia Martha Kreibich Wünsch e alunos da E.M. Abrahão Kniphoff.

Em Alto Paredão: Professora Ivete Maria

Pires, da E.M. Alcebiades Moreira e alunos Jorge Antônio Pires, Sandra Costa, Leonardo Fritsch e Janaina Moreira. Professora Maria Cleci Severo Rosa e alunos da E.M. Alcides Vieira da Rosa.

O CUIDADO E A LIMPEZA
QUE VOCÊ SEMPRE QUIS.



VOCÊ ENCONTRA OS PRODUTOS SOLEMIO E BRASCLIN NOS MELHORES MERCADOS DA REGIÃO.